

**A Iconografia de Getúlio Vargas em
Monumentos do Rio Grande do Sul**

Me. Nadima Toscani – UFRGS

A Iconografia de Getúlio Vargas em Monumentos do Rio Grande do Sul

Me. Nadima Toscani – UFRGS

O presente trabalho foi elaborado no âmbito do programa de pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1998 e tem por objetivo estudar a iconografia de Getúlio Vargas nos monumentos escultóricos públicos do Rio Grande do Sul. Sendo assim, averiguou-se como Getúlio aparece representado nesses monumentos e qual o significado da construção desse conjunto de obras no contexto histórico que as produziu.

Foram pesquisados os 427 municípios gaúchos emancipados até 1995 e verificou-se que 136 deles erigiram monumentos dedicados a Getúlio Vargas. Na maioria das vezes (94 casos), esses monumentos são constituídos apenas por placas contendo a Carta Testamento; essas, excetuando –se três casos, tratam –se de doações efetuadas, em Agosto de 1962, pelo então governador Leonel Brizola, como atesta a inscrição presente no corpo das placas: “Oferecido ao povo gaúcho pelo governador Leonel Brizola”.

Os monumentos com representações escultóricas de Vargas aparecem em 42 municípios, o que corresponde a 10% dos municípios pesquisados. Todavia, transportando -se esses números para o período imediatamente a seguir ao término do surto construtivo (1963) se verá que, nesse contexto, 70% dos municípios apresentam monumentos dedicados à Vargas – 46% apresentam apenas a Carta Testamento e 24% possuem um monumento escultórico.

O conjunto de monumentos dedicados a Getulio Vargas conta com 50 exemplares, sendo que 31 deles são datados. Apenas dois desses foram

erigidos enquanto o Presidente era vivo. A grande maioria dos monumentos foi inaugurada nos oito anos que se seguiram à morte de Vargas. No ano de 1955 e no ano de 1956 foram construídos oito monumentos, quatro em cada ano. Em 1957, se construíram dois monumentos. O ano de 1958, no qual ocorreu a eleição de Leonel Brizola para o governo do estado, assistiu a construção de oito monumentos. Nos anos de 1959 e 1960 foram edificadas seis monumentos, três em cada ano. Em 1961, foram construídos dois monumentos e, em 1962, foi erigido apenas um. Cabe ainda salientar que a inauguração desses monumentos se concentrou em torno de duas datas: 24 de Agosto – falecimento de Vargas e 19 de Abril – aniversário natalício do Presidente.

Os monumentos se localizam geralmente em praças ou em canteiros centrais de grandes avenidas. Alguns deles se encontram nos saguões de prédios públicos como no Palácio Piratini ou no Palácio Montauray, sede da Prefeitura de Porto Alegre.

Os monumentos aqui tratados são obras que visam transmitir à posteridade a memória de uma pessoa notável. Para atingir tal fim, as obras tem que assegurar sua perenidade, usando materiais duráveis como o bronze e a pedra. Além disso, as obras têm de evocar a presença do extinto Presidente e para isso foram usados retratos. Na maioria das vezes, o modelo utilizado foi o busto (45), encontrando se também medalhões (3), uma cabeça e uma estátua de corpo inteiro.

As obras são compostas por duas partes: o retrato esculpido e o pedestal que o suporta. Os pedestais são elementos de corpo sólido que servem para dar maior realce à peça esculpida. Nos monumentos analisados os pedestais são bastante heterogêneos podendo ser divididos em três diferentes grupos.

A maioria dos pedestais (72%) corresponde ao tipo tradicional. A sua forma tende a verticalidade, sendo na maioria das vezes pilares, obeliscos, colunas ou pirâmides. O busto assim colocado em cena sobre um pedestal vertical, transporta a imagem de Getúlio para um patamar mais elevado,

destacando –o do resto da paisagem e do espectador. Por outro lado, a verticalidade traz em si o apelo fálico, que evoca o poder do líder político.

Os pedestais tradicionais se caracterizam pela sobriedade, apresentando corpos totalmente lisos ou com uma ornamentação discreta. O material mais empregado na sua elaboração é a pedra, em especial o granito, tendo o acabamento polido ou apicoadado. Aparecem também pedestais do tipo tradicional em arenito e concreto.

O segundo grupo de pedestais responde de uma forma criativa ao problema de como por em cena as representações escultóricas de Getúlio Vargas e assume alguns traços do fenômeno kitsch. Este fenômeno consiste basicamente em uma estética que busca apelar para o gosto popular, produzindo materiais agradáveis que não demandem esforço para a sua fruição [Dorfles, 1969, p.79]. As características principais desse grupo são a profusão decorativa – utilização sobreposta de frisos, sulcos, relevos e peças adjacentes; a inadequação do material utilizado – azulejo, pedras semipreciosas; o gosto pelo moderno – manifestado principalmente no estilo Brasília e o personalismo – inserção de elementos próprios do local, como o mapa da cidade ou os produtos da riqueza local.

Por fim, um pequeno grupo de pedestais que evocam monumentos funerários. Esses se assemelham a lápides funerárias, contendo local para deposição de flores e velas. Esse tipo de pedestal se apropria ao culto póstumo feito à memória de Vargas, o qual é referido mais adiante.

As representações escultóricas tratam se predominantemente de bustos, modelo que teve sua origem na antiguidade romana, associada aos monumentos funerários. O material utilizado foi o bronze, geralmente utilizado em objetos de culto devido a sua incorruptibilidade. A técnica do bronze permite muito facilmente a reprodução de peças e esse fenômeno pode ser observado nesse conjunto de esculturas, onde as 50 esculturas correspondem a 20 matrizes diferentes.

A maioria das matrizes pode ser atribuída, sendo os autores grandes nomes da escultura gaúcha como Vasco Prado, Antônio Caringi, ou escultores de fora do Estado como Luis Ferrer, Hildegard Leão Velloso, José Belloni, entre outros. As representações escultóricas podem ser agrupadas em dois tipos observando-se os critérios de tratamento do rosto e a indumentária representada: o modelo autoritário e o modelo democrático.

O modelo autoritário se relaciona com uma visão do Estado Novo, sendo caracterizado pela idealização e solenidade. A indumentária retratada é o traje presidencial, caracterizado pelo paletó do tipo fraque com abas longas dorsalmente, colete de frente rebaixada, camisa de cerimônia, gravata do tipo borboleta e a faixa presidencial. Ao se retratar Getúlio Vargas envergando traje solene e ostentando as insígnias de poder, evidencia -se a magnificência de sua figura. Esses retratos inspiram respeito e deferência e acentuam a demarcação entre o presidente e o resto da nação.

O modelo autoritário trata a fisionomia de Vargas de forma idealizada, onde as imperfeições da pele são suprimidas e os traços deselegantes são atenuados. A postura corporal é rigidamente frontal, hierática e pomposa. A expressão do rosto tende a ser severa e desafiadora.

A representação do tipo autoritário corresponde a imagem que o Estado Novo fez do seu chefe – um homem identificado com o poder “o Sr. Getúlio Vargas, nascido pelo poder, encontrando-se no poder, subitamente se encontrou a si mesmo” [Schwartzman, 1983, p.19]. Um líder corajoso e bravo, mas ao mesmo tempo sensato e tolerante que conduziu a revolução de 1930 sem derramamento de sangue e que tratou com clemência os revoltosos paulistas vencidos em 1932. Um homem que transpira majestade, não precisando dos artifícios externos do poder para se impor, pois como nota seu biógrafo, ele “sabe tão naturalmente se despir das decorativas exteriorizações da autoridade, e, ao mesmo tempo, resguardar a intangível dignidade da investidura” [Carrazzoni, 1939, p.204].

O modelo Democrático relaciona-se com o período populista do governo Vargas, sendo caracterizado por uma visão realista e prosaica da imagem do Presidente. A indumentária representada é o traje burguês, constituído normalmente pelo casaco de paletó, camisa social e gravata. Essa é, em primeiro lugar, uma representação bastante fidedigna, pois esse era o traje que o Presidente costumava envergar em suas aparições públicas. Essa indumentária é demarcadamente simples, austera e civil, trazendo consigo os valores burgueses [Eco, 1989, p.51]. Ela denota que seu usuário é um homem pacífico que se integra ao sistema vigente; ao mesmo tempo, indica a seriedade - recusa dos apelos sensoriais e emotivos e constância - manutenção de fé nos compromissos por parte de seu portador. Ao retratar o Presidente em traje burguês, está -se acrescentando toda a série de predicados acima citados e, ainda mais, pode -se ler neste vestuário de Vargas uma identificação com a população.

A representação da fisionomia de Vargas é realista apresentando os traços de envelhecimento e sobrepeso expressos em linhas e sulcos sobre a sua pele. Esses retratos são menos solenes que os do grupo anterior, mas tendem a manter a frontalidade e rigidez da postura. Nesse grupo encontra -se um caso curioso, onde o Presidente é retratado sorrindo com o dorso torcido, o que rompe com os cânones do retrato honorífico, os quais se pautam pela ausência de movimento e de expressão.

Esse segundo grupo volta -se para o contexto do segundo mandato de Vargas, mandato ao qual o presidente ascende com uma significativa votação popular. Quando Getúlio recebe pela segunda vez a faixa presidencial, ele já é um homem mudado, sua fisionomia mostra -se mais inchada, o seu corpo mais redondo, as rugas são mais evidentes. Por outro lado, já não existe mais o aparato de cuidados com propaganda e imagem, existentes durante o Estado Novo, que preservavam a aparência exterior de Getúlio, manipulando e censurando as imagens do Presidente que deveriam ser veiculadas às massas [Paulo, 1994, p. 146].

Durante seu segundo mandato, Getúlio apresenta um novo discurso de cunho democrático e nacionalista. A figura de Vargas torna –se menos demarcada, não são mais suas capacidades pessoais que legitimam seu governo, mas o voto popular. A identificação de Vargas com a população cresce muito e se manifesta de forma contundente na Carta Testamento: “ eu ofereço em holocausto minha vida. Escolho este meio de estar sempre ao vosso lado. [...]Quando vos vilipendiarem , sentireis no meu pensamento a força para a reação”.

A compreensão do fenômeno da construção de monumentos dedicados a Getúlio Vargas só pode ser feita tendo em vista o contexto político partidário em que sucedeu a sua morte. No Rio Grande do Sul, dois grandes partidos dominavam a cena política na segunda metade da década de cinquenta e princípios da década de sessenta: O PSD e o PTB. Será o PTB o responsável direto pelo culto da memória de Vargas e pela a construção dos monumentos em questão.

Após a morte de Vargas, o partido trabalhista gaúcho se assume com herdeiro do legado do extinto presidente. Toda a sua campanha eleitoral está profundamente veiculada à legislação trabalhista de Vargas e à sua política nacionalista, manifestada de forma enfática na Carta Testamento. Muitos dos panfletos, músicas e artigos da imprensa apresentam imagens de Getúlio e trechos de sua Carta Testamento [Toscani, 1998, p. 174].

A construção dos monumentos dedicados à memória de Getúlio Vargas se integra nesse contexto. Todas as obras de que temos o relato da construção, exceto uma, foram erigidas por membros do partido trabalhista. E em todas as solenidades de inauguração os próceres do PTB tiveram papel de destaque. Além disso, em vários monumentos se realizaram cerimônias, conduzidas por líderes trabalhistas, por ocasião das datas de nascimento e morte de Vargas [Toscani, 1998, p. 184].

O carisma de Vargas foi assim habilmente manipulado pela propaganda política trabalhista, a qual orquestrou uma campanha para converter o prestígio

eleitoral de seu fundador em votos. Nota –se, inclusive, que grande parte dos monumentos foram erigidos no âmbito da campanha eleitoral de 1958, na qual Leonel Brizola concorreu ao governo do Estado. Todavia, o culto da memória de Vargas não envolveu apenas as campanhas eleitorais, foram feitas inúmeras celebrações por todo o Estado nos oito anos que sucederam ao falecimento do Presidente [Toscani, 1998, p. B70].

Referências:

- CARRAZZONI, André, *Getúlio Vargas por André Carrazzoni*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1939.
- DORFLES, Gilio. *Kitscch na Antology of Bad Taste*. Londres: Estúdio Vista, 1969.
- ECO, Humberto. *A Psicologia do Vestir*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.
- PAULO, Heloisa. *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil – O SPN-SNI e o DIP*. Coimbra: Minerva História, 1994.
- SCHAWARTZMAN, Simon (org.). *Estado Novo um Auto-Retrato*. Brasília: CPDOC-FGV, Editora da Universidade de Brasília, 1983.
- TOSCANI, Nadima. *A Iconografia de Getúlio Vargas em Monumentos Escultóricos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1995. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.